

Diário de Petrópolis, 23 de março de 2022.

## **Sinais dos Tempos (2ª Parte)**

Por: Ronaldo Fiani

Escrevi no domingo passado que uma das tarefas mais necessárias para um economista neste momento é identificar os “sinais dos tempos”, ou seja, identificar os fatos que indicam uma mudança nas tendências da economia mundial: caberia aos economistas identificar estes sinais, e apontar quais são estas novas tendências. Esta tarefa é necessária (eu acrescentaria também urgente) porque a economia brasileira e suas empresas serão duramente afetadas pelas novas tendências.

Escrevi também que, mais difícil do que identificar estas tendências, é aceitá-las quando elas contrariam a forma como o mundo deveria funcionar de acordo a nossa opinião, ou as nossas crenças. Este é o caso, por exemplo, dos economistas treinados para admirar as vantagens dos mercados livres e competitivos, que se recusam a reconhecer que a chamada globalização (a integração comercial e financeira dos mercados mundo afora) está vivendo o começo do seu fim.

A afirmação de que a globalização está com seus dias contados não é derivada apenas do que seria o seu sintoma mais evidente e atual, a Guerra da Ucrânia. Nem seria resultado apenas das decisões de um único homem, no caso o presidente russo Vladimir Putin. Não se pode derivar uma tendência de um único fato, por mais dramático e terrível que ele seja, como é o caso de uma guerra. Como diz o ditado popular, “uma andorinha não faz verão”. Mas a guerra atual vem a se somar a uma série de outros fatos, que vêm desenhando uma tendência clara de reversão do movimento de integração do comércio internacional e das finanças. Não se trata de apenas uma andorinha, mas de um bando.

Um destes fatos foi destacado no meu último artigo, como a inclusão de empresas chinesas de grande porte como a Huawei na Entity List, a lista do governo norte-americano de empresas e instituições estrangeiras com as quais empresas dos Estados Unidos precisam de licença do governo para negociar.

Inicialmente concebida como uma lista para coibir o terrorismo e a lavagem de dinheiro, também é utilizada como instrumento na competição econômica global entre Estados Unidos e China (a qual também criou sua lista equivalente).

Vimos que a Huawei foi banida dos Estados Unidos pelo ex-presidente Donald Trump em maio de 2014, e o presidente Joe Biden, apesar de se apresentar como o oposto do presidente Trump, manteve a decisão. A Huawei é um dos maiores fabricantes de equipamentos para redes de telefonia móvel e enfrenta uma série de restrições, inclusive em relação às suas subsidiárias no Reino Unido, Alemanha, França e Singapura. Estas restrições também valem para semicondutores produzidos por empresas que não são norte-americanas, desde que usem tecnologia desenvolvida nos Estados Unidos.

Contudo, a competição comercial entre China e Estados Unidos não se limita à presença da Huawei na Entity List, que mencionei no domingo passado. Também a empresa chinesa ZTE foi incluída pelo Departamento do Comércio dos Estados Unidos na Entity List em 7 de março de 2016, ainda no governo Barak Obama, portanto, antes das célebres iniciativas da gestão Donald Trump em sua guerra comercial com a China. A ZTE, empresa chinesa criada em 1985, que possui sede em Shenzhen é líder mundial em tecnologia de comunicação. A situação se agravou em 2017, quando a empresa vendeu sua tecnologia a países que estão na lista negra dos Estados Unidos, e só foi solucionada em julho de 2018.

Em dezembro de 2020 a SMIC (Semiconductor Manufacturing International Corporation), empresa chinesa fabricante de chips criada em 2000 e localizada em Xangai teve suas compras de produtos norte-americanos limitadas pelo Departamento de Comércio dos Estados Unidos, além de sofrer restrições nas exportações norte-americanas de desenhos de semicondutores e de software para seus clientes.

Mais preocupante para o ideal de mercados livres em um mundo globalizado do que estes casos de empresas chinesas é o desenvolvimento desde 2018 de legislação norte-americana, que vem aumentando severamente as restrições sobre exportações de semicondutores, software e equipamentos de fabricação de semicondutores, sob a justificativa vaga de evitar riscos de segurança. Isto tem

sido percebido por alguns analistas como uma série de movimentos no sentido de preservar a supremacia norte-americana em semicondutores na competição com a China.

Em síntese: a integração comercial, um dos pilares centrais da chamada globalização vem sendo rápida e decisivamente solapada pela competição entre Estados Unidos e China pela supremacia global. Ao contrário do que supunham seus maiores admiradores, a globalização não faz com que a lógica das vantagens econômicas resultantes da integração comercial se imponha por si mesma: ela depende crucialmente do ambiente político global. Este ambiente começou a se degradar rapidamente bem antes do início da Guerra da Ucrânia.

As empresas brasileiras e gestores econômicos do país precisam perceber rapidamente estas mudanças, antes que seja tarde.

Link para a matéria original:  
<https://www.diariodepetropolis.com.br/integra/ronaldo-fiani-207785>